

DAR VISIBILIDADE AO INVISÍVEL E EXPLICITAR O IMPLÍCITO

Dar visibilidad a lo invisible o explicitar lo implícito

*María Pía Rangel**

Recibido: 25 de julio de 2008 • **Revisado:** 23 de agosto de 2008 • **Aprobado:** 8 de septiembre de 2008

Abstract

Na pesquisa psicossocial, são muitos os supostos que ficam implícitos e invisíveis. Porém, usamos palavras que denotam aspectos concretos cujos efeitos reais nos sujeitos criam processos que promovem qualidade de vida, e também encontramos processos que levam à doença e desajustamento social. Nos últimos tempos é facilmente observado que o uso da palavra rede entrou de várias formas na linguagem tanto acadêmica, quanto no linguajar cotidiano. No campo acadêmico encontramos estudos sobre vários tipos de redes: na computação, na biologia, ecologia, medicina, antropologia, na lingüística, na psicologia. No mundo midiático, encontramos a mesma palavra, mas com um sentido muito diferente: redes de mafiosos, redes de tráfico, redes de abuso, etc. Para efeitos do entendimento das redes sociais, cuja finalidade é de serem produtoras de processos de qualidade de vida e de saúde, convido a que nós que estamos interessados na compreensão e intervenção psicossocial, com intuito da vida e o bem-estar, trabalhemos dando visibilidade a estas (Rangel & Mari 2007). Para desenvolver esta idéia inicial, vou utilizar uma pesquisa realizada utilizando os operadores teóricos sobre redes sociais, na abordagem ecossistêmica, e três estudos que a constituíram.

* Psicóloga. Especialista en Intervención Sistémica de la Familia por la USTA – Colombia. Magister en Psicología Social y de la Personalidad por la PUC-RS. Doctora en Psicología por la PUC-RS. Profesora de la Universidade Luterana do Brasil – Canoas. Correo electrónico: piarangelm@gmail.com.

Palavras-chave

Pesquisa psicossocial, redes, redes sociais, intervenção psicossocial, visibilidade.

Resumen

En la investigación psicossocial, son muchos los supuestos que quedan implícitos e invisibles. Por tanto, usamos palabras que denotan aspectos concretos cuyos efectos reales en los sujetos crean procesos que promueven calidad de vida, y también encontramos procesos que llevan a la enfermedad desajuste social. En los últimos tiempos es fácilmente observado que el uso de la palabra red entró de varias formas en el lenguaje tanto académico, cuanto en el lenguaje cotidiano. En el campo académico encontramos estudios sobre varios tipos de redes: en la computación, en la biología, ecología, medicina, antropología, en la lingüística, en la psicología. En el mundo mediático encontramos la misma palabra, pero con un sentido muy diferente: redes de mafiosos, redes de tráfico, redes de abuso, etc. Para efectos del entendimiento de las redes sociales, cuya finalidad es el de ser productoras de procesos de calidad de vida y de salud, invito a que nosotros que estamos interesados en la comprensión e intervención psicossocial, con objetivo de vida y bienestar, trabajemos dando visibilidad a éstas (Rangel & Mari 2007). Para desarrollar esta idea inicial, voy a utilizar una investigación realizada utilizando los operadores teóricos sobre redes sociales, en el abordaje ecosistémico y tres estudios que la constituyeron.

Palabras clave

Investigación psicossocial, redes, redes sociales, intervención psicossocial, visibilidad.

Redes sociais em microssistemas, mesossistemas e macrossistemas

Nas ciências sociais e humanas as redes têm sido estudadas tanto em termos de sua estrutura, como pela função e também pelo apoio social que elas prestam. Entendemos que a rede social se inicia com uma díade de pessoas, grupos ou instituições; nesse sentido, díade faz referência a um sistema auto-organizado. A díade se estabelece pelos laços, que entendemos como conexões, relações e interações sociais e pessoais (Rangel e Sarriera, 2005).

Para estudar esta temática partimos do conceito de redes sociais: É um sistema de relações, aberto, que está em permanente construção. São co-constituídas pelos conjuntos de relações que possuem as pessoas, grupos, e/ou organizações e são fonte de reconhecimento, de sentimento de identidade, do ser, da competência e da ação. As redes sociais estão relacionadas com os papéis desempenhados pelos seus membros,

constituindo-se em práticas sociais que, no cotidiano, são sub-aproveitadas em sua totalidade.

Partindo do conceito de redes sociais pessoais os questionamentos para nortear a pesquisa foram:

- Como se compreendem as redes em grupos, instituições e comunidades-sociedades?
- Como se constroem, estruturam e funcionam redes sociais pessoais e sociais em.
- Uma família imigrante hispano-americana ao longo de dois anos?
- O primeiro ano de ingresso na universidade, de três cursos?
- Uma instituição de assistência à criança e ao adolescente?

Três dimensões–eixo da pesquisa foram propostas na tentativa de problematizar e entender os questionamentos anteriores. Na dimensão teórica do paradigma ecossistêmico utilizei conceitos de família, grupos e comunidades, assim como o entendimento sobre rede social, tanto no nível conceitual, quanto no das intervenções em rede. A dimensão ética – epistemológica orientou-me a refletir sobre meu papel como pesquisadora-interventora em permanente relação com todos os participantes da pesquisa. Por fim, na dimensão metodológica, encontrei subsídio na sócio-análise cibernética proposta por Delgado e Gutiérrez (1995), “baseada na pertinência de analisar a realidade social mediante o conhecimento das posições ou situações dos sujeitos e os estados de suas organizações” (p. 581). Por que a Sócio-análise cibernética? A Socioanálise cibernética baseia-se na conjunção de uma teoria dos sistemas auto-organizados. Focaliza a relação entre sistema e entorno. é multidimensional; dialoga diretamente com outras metodologias qualitativas e quantitativas de pesquisa; permite a articulação de vários instrumentos de pesquisa; permite criar multiníveis de observação; e, todos os participantes da pesquisa se constituem como sistemas observantes.

Dei início à compreensão da temática propondo o estudo longitudinal de famílias imigrantes na grande Porto Alegre. A partir de discussões com profissionais e colegas interessados nas temáticas sobre família e sobre redes sociais, propiciaram questionamentos e diálogos. De outro lado, meu próprio processo migracional, a inserção no mundo do trabalho e a compreensão mais ampliada da cultura riograndense e a própria modificação da minha rede social-pessoal, além de minha experiência vivenciada em trabalho com grupos e comunidades, permitiram que eu ampliasse a pesquisa para avaliar mesossistemas e macrossistemas. Para isto, então, propôs mais duas pesquisas, somando assim os três estudos que vou comentar.

Dois deles tiveram uma intenção de serem longitudinais o primeiro com uma família – casal imigrante, com 36 meses de acompanhamento e o segundo com

três cursos universitários ao longo do primeiro ano acadêmico numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. O terceiro estudo foi transversal com uma duração de 18 meses na coleta e entendimento das informações – dados. Estes estudos foram protocolados nos comitês de Bio-ética da PUC-RS e da URI-FW e aceitos pelos mesmos, com protocolos da PUC-RS, com ofício nº. 801/03-CEP, da URI-FW, com ofício nº. 026-2/PPH/05 e da da URI-FW, com ofício nº. 064-2/PIH/04. Ao todo participamos das pesquisas, a pesquisadora, um casal hispano-americano, 61 universitários, e 69 diretores de instituições no município.

Os instrumentos para levantamento dos mapas foram: Mapa de Redes Social de Sluzki (1997), tanto para o casal quanto para os universitários. E a partir deste modelo foi criado um questionário para levantamento do mapa municipal. Em todos os três estudos foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e espaços conversacionais, e grupos com os universitários.

Com a família-casal utilizei o FASES III (Olson, 1991) que avalia coesão e adaptabilidade familiar, e o genograma transgeneracional (McGoldrick, e Gerson, 2003).

Vou apresentar um recorte das pesquisas, visando ater-me ao conceito de redes e discutindo os resultados para os três estudos. Portanto trarei dados representativos dos mesmos para dar-lhes visibilidade.

Nas características estruturais das redes estudam-se: *Tamanho*: Número de pessoas ou instituições. *Densidade*: Número de conexões possíveis e efetivas. *Concentração de nós por quadrante*. *Composição* (distribuição): Número de pessoas e de instituições. *Dispersão*: Distância geográfica. *E Homogeneidade/heterogeneidade*: sexo, idade, classe, educação, etc.

A família migrou de um país latino-americano no intuito de melhorar a sua qualidade de vida profissional, conhecer outras culturas e permanecer no Brasil no mínimo de 4 ano. As condições de chegada foram dificultadas por aspectos burocráticos na hora de este casal começar a resolver questões básicas de vida

como moradia, traslados, manejo de contas bancárias, adaptação alimentar. Durante o acompanhamento pude acompanhar o estresse migracional e os empecilhos burocráticos que contribuíram na lentidão do processo adaptativo.

Os estudantes universitários, todos no primeiro ano, numa cidade do interior, partilharam como a família, experiências migracionais internas, já que uma boa parte deles deixaram para trás as suas famílias de origem e foram morar de outro modo.

Finalmente a rede sócia no macrossistema foi mapeada a partir de uma instituição que atende a crianças

em vulnerabilidade social, no turno inverso à escola, já que a maioria das escolas públicas funciona somente de manhã ou de tarde. Esta instituição tem como objetivo apoiar no desenvolvimento global, dando mais atenção ao contexto escolar e proteção do risco delas ficarem sem regulação social.

Na tabela a seguir apresento os resultados das variações, em porcentagem de uma à outra aplicação, realizada com a família e com os cursos universitários quanto ao tamanho, do mapa total; da perda e ganho da densidade de rede por quadrante: família, comunidade e universidade-trabalho. Para todos os grupos o contexto de amizades se manteve quase invariante.

Tabela 1. Diferença estrutural da rede social-pessoal entre duas aplicações numa universidade e família imigrante

	Tamanho	Densidade	Composição
Família	- 34,06% + 1,06%	+ 49,4% C + 150% C	-
Psicologia	- 2,9%	+ 88,5% C	+ 704% C Pessoas
Filosofia	- 32,84%	+ 80,4% C	+ 51.10% C Pessoas
Enfermagem	+ 134,12%	- 10,3% F	+ 83,29 U/T Instituição.

Observou-se uma perda no tamanho da rede da primeira para a segunda aplicação tanto na família 34,06%, quanto nos cursos de psicologia 2,9% e filosofia 32,84% e incremento no curso de enfermagem 134,12%.

A perda do tamanho evidencia a mobilidade das redes nos momentos de transição ecológica: migração internacional e transição da escola para a universidade, assim como migração interna. Já no curso de enfermagem este aumento pode ser explicado por aspectos contextuais que o caracterizam. Os alunos de psicologia

permaneceram na cidade onde moravam para cursar os estudos universitários, ou foram compartilhar moradia com colegas, parentes ou amigos, morando sozinhos unicamente 4,35%. Os alunos de filosofia moram com família ou no seminário, morando sozinhos 16,6%. No entanto a porcentagem de alunos da enfermagem que moram sozinhos foi de 38,46%. Podemos pensar que morar sozinhos instigou estes alunos a procurar estabelecer laços com outros. O incremento de tamanho mais relevante aconteceu no quadrante das

amizades 129,63% e no de comunidade 145,45%. Esta mudança no tamanho incide diretamente na densidade da rede.

A composição, que indica o número de pessoas e instituições da rede, na família se manteve invariante, enquanto que nos cursos de psicologia e filosofia as pessoas no quadrante da comunidade ganharam visibilidade de 704% e 51,1% comparando à primeira aplicação, e no da enfermagem foram destacadas as instituições no quadrante de trabalho universidade 83,29%. Pensamos que o fato dos cursos de ciências humanas perceberem que as instituições cobram vida pelas pessoas que as constituem foi um efeito de pensar e repensar a rede nos acompanhamentos realizados ao longo do ano, tanto que para os alunos da enfermagem, ganhou visibilidade a instituição ou instituições que os acolhem e oferecem os serviços aos usuários da rede de saúde.

Referente à percepção das características dos vínculos relativos à proximidade, intermediários e distância, a família percebe que as suas relações são intermediárias e isto se manteve em todas as aplicações dos mapas. Nos cursos de psicologia e de filosofia os alunos percebem as relações próximas e no da

enfermagem, as percebem próximas, também como intermediárias.

Podemos, nesse sentido, manejar a hipótese de que o casal funciona deste modo em seus relacionamentos. Já para nos universitários é interessante pensar como os alunos do departamento das ciências humanas têm percepção diferente dos alunos do departamento das ciências da saúde. Para efeitos da investigação considero importante estudar mais estas diferenças.

As funções da rede social que se estudaram foram: *Regulação social*: regula o comportamento, ajuda no estabelecimento de limites, permite dissipar a frustração e violência e favorece resolução de conflitos. *Ajuda material e de serviços*: físicos, materiais, de saúde... Acesso a novos contatos: abre possibilidades de conexão com outras pessoas. *Companhia social*: são os intercâmbios que servem de companhia, transmitem cultura, promovem o processo de adaptação cultural. *Apoio emocional*: oferece clima de compreensão, simpatia, estímulo e apoio. *Guia cognitivo e conselhos*: oferece informações pessoais e sociais, esclarece expectativas e é modelo de papéis. Estas funções foram solicitadas pelo casal e pelos cursos universitários a pessoas dos quadrantes de amigos e família, assim:

Tabela 2. Quadrantes da rede social que exercem as funções da rede social-pessoal tanto da família quanto dos estudantes universitários

	Família	Psicologia	Filosofia	Enfermagem
Companhia social	Amigos	Amigos (1) Família (2)	Família	Família
Apoio emocional	Família	Família	Amigos (1) Família (2)	Família
Guia cognitivo e conselhos	Amigos	Família	Amigos	Família
Regulação social	Amigos	Família	Família	Família
Acesso a novos contatos	Amigos	Família (1) Amigos (2)	Amigos	Amigos

A família compõe o quadrante da rede prioritário para solicitar funções da rede social nos estudantes universitários, inclusive observando-se que funções de companhia social, no curso de psicologia e apoio emocional no curso de filosofia, que na primeira aplicação eram solicitadas para os amigos foram solicitadas à família no final do ano acadêmico. Também se observou que a função de acesso a novos contatos passou a ser facilitada pelos amigos no curso de psicologia. As outras funções de guia cognitivo e conselhos e de regulação social se manteve invariante em todos os cursos.

No estudo com o casal são os amigos o quadrante que é mobilizado para solicitar as funções da rede, menos a do apoio emocional que se solicita entre os cônjuges ou para a família estendida, no caso da esposa.

Estes dados cobram sentido quando pensamos nos efeitos da rede nos diversos estudos. Assim na família se observou que houve um acompanhamento de perda de rede e funcionamento familiar, e reconstituição de rede com o funcionamento familiar.

Tabela 3. Relação entre o tamanho da rede e o funcionamento familiar

Família – Casal	1ª aplicação	2ª aplicação	3ª aplicação
Tamanho da rede	N 91	N 60 - 34%	N 96 + 60% (5%)
Funcionamento familiar	Conectada-estruturada	Aglutinada-caótica	Conectada-flexível

A perda da rede aparece aos seis meses de aplicação e com esta perda a configuração familiar também está alterada. De acordo com a análise “fria” do instrumento esta família seria caracterizada como disfuncional. Porém na terceira aplicação, ao se repetir a avaliação, torna a ser funcional. A percepção da perda da rede aparece explicitamente na fala da esposa, no segundo encontro formal para a investigação: *Dios mío como nos estamos quedando solitos*. E a disfunção temporal entende-se a partir da nova auto-organização do casal principalmente em tarefas e funções dos cônjuges. Para compreender esses valores disfuncionais no espaço conversacional foi avaliado com a família o porquê desta situação. Circunstâncias contextuais principalmente do macrossistema estavam intervindo no funcionamento do casal. Devido a que o esposo iniciou atividades na segunda semana de chegar ao país, tarefas de procura de moradia, regulação de documentos na polícia federal, organização e distri-

buição do dinheiro e as atividades cotidianas, ficaram ao encargo da esposa. Por causa disto, o casal teve que redefinir os papéis no sentido em que, no país de origem, era o esposo quem se encarregava de assuntos relacionados com contratos, era o provedor, enquanto que a mulher se dedicava ao lar.

Nos universitários (segundo estudo) os grupos, turmas e cursos promovem modos de pensar coletivos, produzindo crenças e preocupações compartilhadas: na Psicologia apareceu preocupação pelo tempo de ócio-obrança pelo fazer. Na Filosofia: sentimento de exclusão pela diferença. E na Enfermagem: cuidado-“sanitarismo” (rejeição pelo trote acadêmico). Podemos pensar que a universidade e especificamente os cursos são produtores de cultura e coletivizam modos de pensar passando a compartilhar crenças que muitas vezes são rapidamente naturalizadas. O questionamento destes modos de pensar nos grupos

de encontro com os cursos produziu mudanças referidas pelos estudantes finalizando o segundo semestre acadêmico, tais como

[...] o grupo todo está mais aliviado, estamos mais calmos, menos tensos, a turma está mais colaborativa [...]. Estão sinalizando com os professores o que é prioridade, organizam-se junto com os professores sobre a leitura dos textos, maior liberdade, os professores também estão mais colaborativos com a turma, a turma percebeu o amadurecimento de cada um dos colegas no início do curso comparando com o momento atual (Psicologia).

Já no curso da enfermagem, os alunos pensaram no trote e redefiniram-no no sentido de manter este costume da cultura universitária, mas as atividades realizadas com os calouros do seguinte ano seriam

diferentes às que eles próprios vivenciaram. Por outro lado, estudantes do curso de filosofia começaram a transitar por outros espaços universitários e inclusive dois deles foram procurar ser estagiários de outros cursos, o que indica um movimento de inclusão no âmbito universitário.

No terceiro estudo, no que pretendi dar visibilidade às redes sociais municipais, os achados são os seguintes.

Os vínculos interinstitucionais foram percebidos como próximos, pela instituição que cuida da criança e do adolescente. Uma distinção entre este estudo e os dois primeiros, foi a possibilidade de caracterizar nas relações municipais a qualidade da relação:

Tabela 4. Percepção de qualidade e características do vínculo interinstitucional

Características do vínculo	Percepção da qualidade da relação
Dependência	18%
Adequada	64%
Distante	9%
Em construção	6%
Interrompida	0%
Conflituosa	3%

Não obstante, a percepção de relações como adequadas em 64% dos relacionamentos permite destacar que as relações de dependência da instituição que ampara a criança e o adolescente estão estabelecidas com órgãos de controle social e regulação, como são o Conselho tutelar, COMDICA e o FÓRUM, e que as relações em conflito estão com a instituição com a qual compartilha o espaço físico e a qual desenvolve um programa do governo federal: AABB Comunidade.

Quanto ao mapa de redes municipal, encontrou-se que a densidade no mesossistema (conformado pelas instituições com que a instituição estudada estabelece

os laços diretos) é de 0,31 indicando que está próximo de ter um ideal suporte social (0,5), a qual se deteriora quando se tece a rede de redes configurando o exossistema 0,11. Portanto, se pode afirmar que para o caso desta instituição do município em questão a rede vai perdendo sentido na medida em que se ampliam as possibilidades de conectar outras entidades sociais que poderiam auxiliá-la no exercer funções de apoio às crianças e adolescentes. Deste modo observamos a necessidade de contar e vincular esse conjunto de redes para que com uma adequada intervenção tornar mais efetivo o suporte social.

Quero destacar alguns efeitos da rede observados neste terceiro estudo. Programas do exossistema ingressam no microsistema sem a participação da instituição:

Um dos aspectos assim... que a gente observou e sentiu forte, é que os projetos que eram realizados lá dentro eram um tanto individualistas, assim... o projeto de cada curso da universidade nem sabia o que outro curso fazia... eram independentes aos dos voluntários... [...] O problema piorou quando entrou à Instituição o programa de governo, porque ele funcionava na cidade, e as crianças da Instituição participavam umas quatro horas por semana. Mas agora esta o tempo todo na Instituição e... já vem com os objetivos prontos, vem e se implanta na comunidade sem levar em conta as necessidades dela.

Esta percepção é representativa da falta de conexão entre os nós da rede e explicaria o decréscimo da densidade na medida em que se tece a rede de redes sociais-comunitárias.

Percepção de perda identitária institucional aparece quando a AABB instala suas dependências dentro da instituição:

após que chegou o projeto (plano de governo) começamos a questionar qual era o nosso lugar na Instituição (estagiárias) e percebíamos que todos os funcionários estavam perdendo-o. Eles foram fisicamente para a cozinha da Instituição. Porém, as palavras que marcavam as crianças como diferentes, palavras que estigmatizam, que, excluem, continuavam sendo escutadas. E nos tínhamos muita dificuldade para ajudar porque todos os adultos falavam desse modo para eles, era coisas como 'tu é o pior, tu é a sobra da sociedade'.

Por outro lado crenças do microsistema como: "Coitados, não fôssemos nós, eles estariam na rua, marginais [...] Claro são poucas coisas as que podemos fazer, resgatar [...] Só um ou dois; os outros crescerão delinquentes. Uma pena", permeiam a estrutura da rede o que se visibiliza nos laços do mesossistema com COMDICA, Conselho Tutelar e Fórum; e na rede de redes, onde aparecem laços com a brigada, a po-

lícia e o presídio. "Quando as crianças se comportam mal, chamamos o CT [...] Ai as conselheiras vem até aqui e tomam as providências necessárias para as crianças se comportarem, só assim conseguimos, às vezes, controlá-las".

Vemos neste estudo como as redes podem ter efeitos positivos: propositiva, co-constructiva - vai ao encontro do bem-estar social e individual - desenvolvimento comunitário- propósitos de promoção da saúde - de colaboração. Mas de outro lado também observamos os negativos: Reativos, destrutivos, desconsideram o bem-estar social e individual, são de caráter oportunista e narcisista, desenvolvimento individualista, passa e pisa o outro -propõe atividades ações que danificam a saúde, de competição.

E sobre essa condição vincular das redes que nos, interventores psicossociais temos e podemos intervir de modo a instigar a mudança social para a promoção da saúde bio-mental, social e cultural das nossas comunidades e sociedades. E para isso proponho então dar visibilidade às mesmas.

Para finalizar, gostaria deixar alguns questionamentos que ressonaram:

A preocupação pelo uso de instrumentos que normatizam o funcionamento de grupos e indivíduos sem levar em conta para a análise e compreensão as circunstâncias contextuais e as crises transicionais destes.

As redes são criadoras de culturas e microculturas, influenciam crenças, identidade e emoções dos grupos (acadêmicos), sendo também produtoras de bem-estar.

As redes podem trazer efeitos positivos ou negativos para seus membros, dependendo da capacidade que os nós têm para perceber suas funções, para ser continentes e para modificar modos naturalizados de pensar problemas das redes.

Referencias

Delgado J. & Gutiérrez J. (1995). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*.

España: Síntesis Psicología.

Mc Goldrick, M. & Gerson, R. (2003). *Genogramas en la evaluación familiar*. Barcelona: Gedisa.

Olson, D.H. (1991). Commentary: Three-Dimensional (3-D) Circumplex Model and revised scoring of FACES III. *Family Process*, 30, 74-79.

Rangel M., M.P. & Mari, M. (2007). La red social-personal en transición: cambios en el tiempo. *Hallazgos*, 7, 137-156.

Rangel, M. P. & Sarriera, J. (2005). Redes Sociais na Investigação Psicossocial. *Aletheia*, 21, 53-68.

Sluzki, C. (1997). *A rede social na prática sistêmica. Alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.